

## Literatura moçambicana em destaque: Caminhos e perspectivas<sup>1</sup>

Juvenal Bucuane\*

 <https://orcid.org/0009-0002-1815-4043>

**RESUMO:** é um escritor e poeta moçambicano. Estudou linguística na Universidade Eduardo Mondlane. Foi um dos fundadores da revista *Charrua*, em 1984 e secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos. Sua poesia é plácida e romântica, apresentando a mulher amada como refúgio. Também se inspira nas fontes da tradição oral moçambicana. O escritor Bucuane foi convidado para uma palestra virtual, na Revista Njinga & Sepé, uma revista científica da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Esta comunicação resulta desse encontro com estudantes e docentes daquela universidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Moçambique; Arte; Imaginação

### Featured Mozambican literature: Paths and perspectives

**ABSTRACT:** is a Mozambican writer and poet. He studied linguistics at Eduardo Mondlane University. He was one of the founders of the *Charrua* magazine in 1984 and general secretary of the Mozambican Writers Association. His poetry is placid and romantic, presenting the woman he loves as a refuge. He is also inspired by the sources of Mozambican oral tradition. The writer Bucuane was invited to a virtual lecture, in Revista Njinga & Sepé, a scientific magazine of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia. This communication is the result of this meeting with students and professors from that university.

**KEYWORDS:** Literature; Mozambique; Art; Imagination

Todas as literaturas do mundo, cada uma na sua geografia, têm a sua História, seus caminhos que respeitam e seguem conforme a rifa existencial lhes prendou. E têm perspectivas a alcançar, que podem ser únicas ou comuns. Mas ao que tudo indica, nos tempos que correm, essas perspectivas acabam cruzando-se e tendem a ser comuns, dedicando-se ao cotidiano das sociedades, enfim, da humanidade.

Naturalmente que cada literatura teve o seu ponto de partida específico e se foi afirmando isoladamente, dentro das fronteiras do espaço geográfico em que estava sendo praticada, de acordo com as suas origens e motivações, enfim, o espaço do seu manifesto.

---

<sup>1</sup> Texto produzido para a palestra do “Matabicho Linguístico e Pedagógico” da Universidade de Integração Intewrnacional da Lusofonia Afro-Brasileira. A palestra ocorreu no dia 28 de abril de 2023, via Streamyard.

\* Escritor moçambicano, Doutor Honoris Causa em Literatura e Filosofia, pela Cypress International Institute University do Texas (EUA); Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane; Licenciado em Linguística pela Faculdade de Letras (actual Faculdade de Letras e Ciências Sociais) da UEM .

Porém, a partir do momento em que o mundo se abriu e as sociedades, antes convencidas da sua unicidade se aperceberam que não eram sozinhas e que as suas identidades ou suas realidades levavam um timbre de comunidade ampla com outras unidades sociais do mundo e tomaram por bem que o seu quotidiano era comum e que o mundo era, afinal, uma unidade repartida por todas elas, decidiram empreender o cultivo da globalização, isto é, a troca recíproca das suas realidade ou, simplesmente a construção de uma aldeia global, apesar das suas diferenças etárias ou seja, do tempo de surgimento de cada uma. Penso que este foi o percurso de todas as literaturas, com todos os percalços que cada uma foi tendo no seu decurso, até este ponto comum, esta valoração unívoca que todas atingiram e lutam por consolidar, das mais diferentes maneiras que o seu presente empenho demonstra.

Os caminhos que a literatura moçambicana percorreu para se encontrar onde está hoje e se juntar a outras literaturas do mundo foram tortuosos, tendo em conta a natureza das realidades que em diversas épocas ela foi atravessando.

A respeitada Professora Fátima Mendonça, insigne docente de Literatura na Faculdade de Letras, posteriormente Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, personalidade autorizada no campo das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, no seu livro **“Literatura Moçambicana – a história e as escritas”**, divide o percurso da literatura moçambicana em três períodos ou seja, periodiza esta literatura em três etapas distintas, mas submissas ao fio condutor que as interliga.

O 1º Período, que vai de 1925 a 1945-47, trata de uma fase de transição de uma literatura essencialmente colonial, em que o sujeito moçambicano é transformado em instrumento de sustentação do poder colonial, pois aqui é implantada uma política de assimilação ou seja, de criação de um grupo ou extracto social africano, educado à maneira colonial, com o desígnio de sustentação do poder colonial. Este grupo, para além do que a administração colonial lhe reservava, aproveitando a abertura que o momento lhe dava assumiu veleidades literárias e enveredou pela exteriorização do seu próprio pensamento, criando seus próprios meios de divulgação, fez soar a sua voz de revolta, confrontando, deste modo, a administração colonial vigente.

São deste período nomes como: João Albasini, José Albasini, Augusto Conrado, Rui de Noronha, Caetano Campos e João da Fonseca Amaral.

O 2º Período, que vai de 1945-47 a 1964, marca o início de uma nova literatura que se caracteriza por uma dinâmica inédita ou sem precedente, se quisermos, na ainda nascente história das letras moçambicanas, inspirada nas novas iniciativas que se desenvolvem no continente africano – o Pan-africanismo, ou a luta comum pelas independências e, também, o movimento da Negritude que desponta no mundo, mais centrado na França.

São, alguns autores desta época: Orlando Mendes, Noémia de Sousa – considerada a “mãe dos poetas moçambicanos” –, José Craveirinha, João Dias, Rui Knopfli, Rui Nogar, Reinaldo Ferreira, Virgílio de Lemos, Luís Bernardo Honwana.

O 3º Período, que vai de 1964 a 1975, caracteriza-se pelo surgimento de uma literatura produzida por escritores e poetas integrados na insurreição armada para a libertação de Moçambique do jugo colonial português e a produzida nas zonas urbanas por intelectuais que se aliavam, clandestinamente, a essa luta, conduzida pela Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO. Esta literatura quebra, de certa forma, o que parecia unir as literaturas dos dois períodos anteriores. Pois neste período é notável o confronto directo entre a Administração colonial e as forças contrárias à dominação portuguesa. Assim, podem ser considerados alguns autores deste período, como: Marcelino dos Santos/Kalungano, Sérgio Vieira, Armando Guebuza, Jorge Rebelo, Fernando Ganhão, de entre tantos outros, cuja actividade literária era divulgada através dos cadernos conhecidos por Poesia de Combate.

Entretanto nota-se uma franja de escritores marcadamente defensores do poder administrativo colonial que envereda por uma postura literária luso-tropicalista, uma literatura tropical com fortes tendências lusas, cuja acção visa a promoção da ideia de que existe uma literatura essencialmente moçambicana, parte integrante da literatura portuguesa. Entre os arautos desta literatura destacam-se, na prosa: Eduardo Paixão, Rodrigues Júnior e Agostinho Caramelo, e na poesia: Guilherme de Melo e Cartaxo Trindade. Neste terceiro período sobressaem 3 aspectos interessantes a considerar:

1. Literatura produzida nas zonas libertadas em que é predominante a ideologia da FRELIMO;
2. Literatura produzida nas cidades, por intelectuais que não estando integrados na Luta de Libertação, clandestinamente são eram contrários à ideologia colonial;

3. Literatura que afirma a ideologia colonial, assumindo a expressão lusotropicalista que tenta fazer acreditar na existência de uma literatura marcadamente moçambicana integrante da literatura portuguesa.

Depois deste período – o 3º período da classificação da Professora Fátima Mendonça, abre-se uma espécie de antecâmara onde é enquadrado um naipe de escritores que, galvanizados pela proclamação da Independência de Moçambique, agem como o fecho do tétrico espectro colonial nas suas múltiplas manifestações e abertura de uma nova era para a autêntica literatura moçambicana. São exemplificativos deste momento alguns nomes entre outros: Leite de Vasconcelos, Gulamo Khan, Luís Carlos Patraquim, Albino Magaia, Mia Couto, Calane da Silva.

Nesta antecâmara mesclam-se autores que iniciam a sua actividade literária dentro do tempo periodizado pela Professora Fátima Mendonça, que só vieram a revelar-se depois da proclamação da Independência de Moçambique, a que se juntou uma fornada nova de escritores cuja aparição era iniciática, mas nem por isso, impactante, pela variedade temática abordada, pelo pendor estético e sobretudo pela frontalidade com ultrapassava certos tabus. No primeiro caso registam-se como exemplo Areosa Pena, Heliodoro Baptista, Jorge Viegas, Carlos Cardoso. Esta nova fornada surge no decurso da primeira década depois do culminar do evento libertário e revoluciona a literatura moçambique através de vozes sedentas de mutação no sentido paradigmático do desenvolvimento da literatura até aquele momento. Uma juventude que, embora com justificados receios, próprios de enfrentar experiências novas, revela-se irreverente. Estes novos trilhos da literatura moçambicana têm um continuado impressionante que se revelam na primeira metade da década de 80 do século XX, através da criação de uma revista literária denominada CHARRUA, precisamente em 1984, hospedada na AEMO – Associação dos Escritores Moçambicanos, agremiação literária instituída em 1982.

É desta empreitada que a Literatura Moçambicana ganha novo ímpeto, ganha novos contornos que trazem, à mistura: irreverência, dinamismo e uma verdadeira viragem paradigmática que a diferenciam profundamente do quadro apresentado nos períodos anteriores. Uma literatura nova, despida de preconceitos e de todos os outros aprestos que a antecederam, sobretudo, dos do último período apresentado pela Professora Fátima Mendonça, cujo leitmotiv era a gesta libertária de Moçambique da dominação colonial portuguesa. Representam esta literatura de mudança, de entre muitos

outros emergentes, alguns escritores e poetas como Hélder Muteia, Pedro Chissano, Ungulani Ba Ka Khosa, Juvenal Bucuane, Eduardo White, Tomás Vieira Mário, Armando Artur, Marcelo Panguana.

Porém, existem escritores que também se tomam de exemplo, no seio de tantos artífices da palavra escrita, uns dentro outros fora desta fornada de revelações. São os casos de Francisco Guita Jr., Paulina Chiziane, Lília Momplé, Isaac Zita, Mia Couto, Suleimane Cassamo, Aldino Muianga, Filimone Meigos.

É a partir destas grandes revelações que se desenham de forma mais clara e ousada as perspectivas que a literatura moçambicana pretende alcançar: a criação de um cânone que a coloque, de forma inequívoca, no patamar que serve de peso e medida na avaliação das literaturas universais.

De todos os períodos do desenvolvimento da literatura moçambicana, nenhum foi isento de acirradas polémicas, delas todas qual a mais contundente?! Porém, a que mais mexeu com a estrutura literata ou intelectual moçambicana, foi a que, sem se saber da sua real origem, julgou e sentenciou de morte a literatura moçambicana. Porém, o denodo, a perseverança e a razão dos amantes das letras desta Pérola do Índico tudo fizeram e fazem para mostrar o contrário, para mostrar que a literatura moçambicana está viva, que na hora da leitura da sentença condenatória o arguido era outro que não a Literatura Moçambicana.

As perspectivas da literatura moçambicana, felizmente, estão sobre as calhas por onde corre o comboio das literaturas universais. Hoje, em Moçambique, assiste-se a um imparável nascer de novas vozes literárias que espantam pela sua capacidade criativa e estética, pela sua maturidade, com um novo elemento que se lhe apimenta, o surgimento massivo de vozes femininas que ombreiam, sem preconceitos, com as masculinas e assim cantam juntas a canção do erguer do facho da nossa literatura.

Hoje a literatura moçambicana está representada em alguns países por escritores e poetas vivendo na diáspora e, neste capítulo, podemos tomar como exemplo a criação do CEMD - Circulo de Escritores Moçambicanos na Diáspora, sediada em Lisboa – Portugal, sob a égide do poeta moçambicano Delmar Maia Gonçalves. O fim em mira é o crescimento da literatura moçambicana, perfilada ao lado das outras literaturas que enaltecem o mundo e o tornam digno. Esta é a mais alta perspectiva que os moçambicanos têm pelo crescimento da sua literatura. Aqui há a salientar o interesse que outros países têm e demonstram pela literatura moçambicana. Estudando-a em

universidades; escolhendo-a como motivo de dissertações de diversos níveis e editando-a. Neste ponto salienta-se o Brasil que parece ter descoberto um filão infinito nas suas pesquisas sobre as literaturas do mundo.

A terminar gostaria de assegurar que os nomes de escritores e poetas que mencionei nas etapas da periodização da Literatura Moçambicana e nas etapas complementares, não são taxativos, mas meramente exemplificativos. Não seria possível integrar todos os que fizeram e fazem da sua arte, suporte firme da Literatura Moçambicana.

Pela audiência prestada à minha apresentação, muito obrigado.

Maputo, 28 de Abril de 2023

### **Bibliografia**

MENDONÇA, Fátima.(1989). Literatura Moçambicana – a história e as escritas. Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

MENDONÇA, Fátima. (2011). Literatura moçambicana – as dobras da escrita. Ndjira (Coleção Horizonte da Palavra). Maputo.

**MINISTÉRIO DA CULTURA.** (2013). Vida e Obra de Luís Joaquim José Marra (1946-1973). **ARPAC**-Instituto de Investigação Sócio-Cultural – Delegação da Provincial de Sofala.

**Recebido em:** 28/04/2023

**Aceito em:** 30/04/2023

**Para citar este texto (ABNT):** BUCUANE, Juvenal. Literatura moçambicana em destaque: Caminhos e perspectivas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.358-363, mai. 2023.

**Para citar este texto (APA):** Bucuane, Juvenal. (mai.2023). Literatura moçambicana em destaque: Caminhos e perspectivas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 358-363.